

FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL: O (RE) ENCANTAMENTO DA SALA DE AULA NA ESTEIRA DO PLANO NACIONAL DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA/PARFOR

HUMAN AND PROFESSIONAL TRAINING: THE (RE) ENCHANTMENT OF THE CLASSROOM IN THE WAKE OF THE NATIONAL BASIC EDUCATION TEACHERS/PARFOR

Ana Lúcia Aguiar Lopes Leandro¹

José Evangelista de Lima²

RESUMO

Trata da experiência de professores da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica/PARFOR, na modalidade presencial, em Mossoró/RN. Seu objetivo é analisar as ações pedagógicas de dois professores do PARFOR tendo em conta que as práticas de ensino e de aprendizagem estão sendo construídas a partir do exercício do pensar e do (re) pensar na esteira dessas ações. A metodologia ampara-se nas lições de Paulo Freire de uma pedagogia dialógica cujo caminho permitiu o reconstruir do (re) encantamento dos sujeitos, sobre os saberes da experiência como conscientização e libertação. Resultou em auto conhecimento, no (re) conhecimento de suas potencialidades e simplicidade no/do fazer pedagógico importantes para a Formação Humana e Profissional. Foi possível aproximá-los à uma prática educativa redimensionando saberes e fazeres em formação. O PARFOR apresenta uma via positiva, teórica e prática, para os professores no que diz respeito à formação continuada, a melhoria da qualidade de ensino e ao resgate da dignidade humana ao permitir ação, intervenção e transformação dos professores, e da comunidade local, da Rede Municipal e Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Norte.

Palavras-chave: Formação - Ensino Superior - PARFOR.

ABSTRACT

This is the experience of professors from the University of Rio Grande do Norte, in the National Teacher Training Basic Education / PARFOR, in the classroom, in Mossoró / RN. Its goal is to analyze the actions of two teachers teaching the PARFOR given that the practices of teaching and learning are being built from the exercise of thinking and (re) thinking in the wake of these actions. The methodology supports up lessons Paulo Freire's pedagogy of dialogue whose path led to the rebuilding of (re) enchantment of the subjects on the knowledge of experience as awareness and liberation. Resulted in self-knowledge, the (re)

cognition of their capabilities and simplicity in / of the pedagogical important for Vocational Training and Human. It was possible to bring them to an educational practice resizing knowledge and practices in training. The PARFOR presents a positive path, theoretical and practical, for teachers with regard to continuing education, improving teaching quality and the rescue of human dignity to allow action, intervention and transformation of teachers, and the local community, the Municipal and State Schools of Rio Grande do Norte.

Keywords: Classroom - Higher Education - PARFOR.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre formação inicial e continuada no âmbito do Plano Nacional de Formação dos Profissionais do Magistério da Educação Básica para as redes da educação básica é inicial. A necessidade de sentir diretamente um programa social que permitisse maior diminuição das distâncias sociais, que contemplasse o direito de todos e de todas quanto à ascensão profissional, à oportunidade de estudar, de buscar a progressão em todos os graus e níveis de ensino, se coloca diante da nossa trajetória de vida profissional e humana com referido plano.

O Decreto Nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 (Brasil, 2009) e a Portaria Normativa Nº 9, de 30 de junho de 2009 (Brasil2009a) instigam pensar a formação do profissional como um projeto social, político e ético para a consolidação de uma nação democrática e inclusiva e promotora da emancipação dos indivíduos e grupos sociais, conforme anuncia o referido Decreto, quando trata dos princípios da política do PARFOR.

Trata-se de uma discussão oportuna por colocar em relevância a formação continuada, as ações pedagógicas de professores do Ensino Básico, bem como questões de justiça social. Abre flanco de reflexão, de como professores e professoras, do Ensino Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Universidade lidam com essas políticas de formação. De que forma tais ações voltam-se para a melhoria da qualidade de vida emocional, profissional, como membros de uma comunidade para quem e a quem precisa dar respostas e se inserir como sujeitos cidadãos do mundo?

Qual seria a direção do nosso olhar? Encontrar respostas? Acreditamos que não. Pelo contrário, pensar o diálogo permanente que reforce ações de intervenção e mudança em sua relação direta com as instituições públicas, municipal, estadual e união.

Levamos na “bagagem” motivações, esperança, vontade, entendendo ser esse o papel fundamental de todos aqueles e aquelas que praticam a vida em todas as suas dimensões. Uma delas é o respeito ao outro, a alteridade, o olhar sobre o que deixou de ser feito por gerações e historicamente serviu para afastar, separar, excluir, estigmatizar.

Oportunidade para a vida, para contemplação do sonho de chegar e vivenciar o cotidiano da vida acadêmica, certos de um longo caminho de tensões, dificuldades, barreiras, mas cientes e apostando no esforço indispensável, determinação inquestionável presentes nessa caminhada na prática do Plano Nacional de Formação dos Profissionais do Magistério da Educação Básica/PARFOR (Brasil, 2012).

Entendemos um exercício ladrilhado com zelo, cuidado, dedicação, debruçamento de toda a sociedade civil no sentido de promover o desejo, as oportunidades, as escolhas, os sonhos e a necessidade da melhoria da qualidade do trabalho em educação de todas as mulheres e todos os homens que durante tanto tempo ficaram do lado de fora das oportunidades de um curso superior.

A ótica da relação de compartilhamento e necessidades recíprocas entre os dois níveis de educação, educação Básica e educação superior, precisa ser desencadeada, sentida e exercitada por todos e todas que apostam no caminho de correção das desigualdades.

Alicerçando esse entendimento, e no centro do programa de ação, estão as lições práticas de Paulo Freire. A cidade de Angicos sentiu e vivenciou a alfabetização de camponeses em um curto espaço de tempo através da noção de educação para todos, educação gerada pelos saberes do campo. A ideia do inacabado, do inconcluso, da humanização, do sabor da terra, e resgate dos saberes historicamente acumulados, por camponeses, movimentou a alfabetização de sujeitos e deixou outro olhar sobre homens e

mulheres simples. As noções pedagógicas de Freire regaram o chão da cidade de Angicos, cidade do Oeste Potiguar, para além dos bancos da academia.

O Plano Nacional de Formação dos Profissionais do Magistério da Educação Básica aponta para um referencial, indica uma prática, instrui uma dinâmica, recomenda uma postura de educadores. Esta se denomina Plataforma Freire e abre um belo convite para o olhar sobre nossos outros que nos leve ao resgate de saberes e fazeres de professoras e professores com uma larga experiência de ensino em sala de aula. Na esteira do caminho as contradições se anunciam, as barreiras se tornam visíveis, as incoerências apontam os limites.

Anos de espera, por outro lado, de ausências, de fraturas, de uma formação estancada em nível básico começam a desenhar outra via, cabe repisar, aquela que faz com que a estrada se movimente e com ela a “macha” de professores e professoras ao encontro de uma formação continuada em nível de terceiro grau.

O Projeto Institucional de Iniciação Científica PIBIC/UERN, em desenvolvimento, intitulado **Formação continuada de professores através do Plano Nacional de Professores da Educação Básica/PARFOR: experiência formativa e biografia**, aprovado em 2012, discute a formação do professor em suas dimensões humana e profissional e alimenta o debate em torno da questão.

Desta pesquisa vários desdobramentos estão se organizando em função do aprofundamento da discussão em torno da formação inicial e da formação continuada e, para tanto, alunos e professores participam de várias rodas de conversa, seminários e encontros. Aprovado para o período 2012/2013, o referido projeto de pesquisa muito tem construído, organizado, modificado, além de projetado ações voltado para as adaptações curriculares, metodológicas, avaliativas.

Professoras/alunas do PARFOR tem iniciado seus primeiros escritos, com co-autoria e orientação dos professores autores deste artigo, cujas primeiras produções serão apresentadas como comunicação oral, no **II Seminário Nacional do Ensino Médio: Profissão Docente, Currículo e Novas Tecnologias**, com agenda para 27, 28 e 29 de novembro de 2012.

Os artigos fazem uma reconstrução do percurso (auto) Biográfico das professoras/alunas do PARFOR no Ensino Médio. Intitulam-se: **Ensino Médio: memória, lições e (re) encantamento da sala de aula** e **Aprender e (re) aprender trazendo lições do Segundo Grau: uma experiência de ensino e aprendizagem**

O PARFOR é formação continuada e é igualdade de oportunidade. Como professores/bolsistas/pesquisadores, interrogando nossa formação inicial, enxergando com outros olhos, superando limites, lutamos pelo exercício da profissão docente com vistas à humanização e a inclusão.

UM “PASSEIO” PELAS AÇÕES DO PARFOR E A PERTINÊNCIA DO PROGRAMA EM CONTEXTO LOCAL

O Ministério de Educação e Cultura entendendo a necessidade de contemplar a formação pública e gratuita a professores da escola pública sem formação adequada às orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB, de 20 dezembro de 1996, reúne esforços em conjunto com os governos municipais, estaduais e as instituições públicas de ensino superior para a elaboração de Planos de Ações Articuladas/PAR. Essas ações tiveram a partir de 2007, nos estados e municípios brasileiros, com a adesão do Plano de Desenvolvimento da Educação/PNDE, visibilidade, alicerçadas pelo diagnóstico dos sistemas locais indicadores de demandas por formação de professores.

Por essa compreensão, através do Decreto de nº 6.755, de janeiro de 2009, o MEC instituiu a Política Nacional de Formação de Professores da Escola Básica em uma ação conjunta com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Capes para sistematizar os Planos Estratégicos de Formação Inicial e Continuada. Esses planos seriam alimentados pelos desenhos educacionais cujos acordos foram estabelecidos nos Fóruns Estaduais Permanentes de Apoio à Formação Docente.

Temos que as licenciaturas no âmbito da educação, todas elas, são gerenciadas e ministradas no PARFOR em duas modalidades, presencial e à distância. Possibilidades de uma primeira licenciatura para os professores sem

a graduação e uma segunda licenciatura para licenciados que atuam fora da área da formação e da formação pedagógica, para bacharéis sem licenciatura.

Os cursos iniciaram no 2º Semestre de 2009 com uma oferta além de 400 mil vagas novas e o envolvimento de 150 instituições de educação superior-federais, estaduais, comunitárias e confessionais com a adesão de 25 Estados brasileiros. As primeiras entradas aconteceram em 2010 e previsão de novas entradas em 2011.

Para fazer parte do processo os professores passarão por uma pré-inscrição por meio de um sistema informatizado pensado pelo MEC com a nomeação de Plataforma Freire. O apoio deve ser fornecido pelos sistemas estaduais e municipais, para que o programa tenha sucesso junto aos professores cursistas em exercício em parceria com as instituições de ensino superior.

UM INÍCIO DE CONVERSA: O QUE DIZ O PLANO ESTRATÉGICO DE FORMAÇÃO DOCENTE NO RIO GRANDE DO NORTE

Através de pesquisas realizadas pelo Núcleo de Formação de Professores do Rio Grande do Norte/NUFERN, em um trabalho destinado a alimentar o Plano Estratégico de Formação Inicial e Continuada, destacamos, para este artigo, e momento inicial de uma reflexão sobre o PARFOR, as características que podem ser lidas a seguir.

Temos que a responsabilidade do Ensino Fundamental e Médio recai sobre a Rede Estadual e o Ensino Infantil e Fundamental (1ª ao 5ª) é de responsabilidade da rede Municipal de Ensino. Esta rede de ensino vem crescendo anualmente apontando um elevado número de matrícula no Ensino Fundamental Inicial e no Infantil. Em decorrência haverá uma modificação no perfil do professor, no que diz respeito à sua formação acadêmica, chegando a se constatar que diminui a necessidade de professor com formação acadêmica em Pedagogia na Rede Estadual de Ensino. O inverso é o desenho da Rede Municipal de Ensino. Ressalte-se que a necessidade de professor com licenciaturas específicas para atuarem no Ensino Médio cresce na Rede Estadual de Ensino. Na Rede Municipal o índice de professores de nível médio

é de 19% e na Rede Estadual é de 16%. Quando da consulta realizada, 98% dos professores de nível médio informaram que gostariam de fazer a 1ª licenciatura em Pedagogia. Considerando Natal e Grande Natal acrescenta-se que há necessidade de se ofertar o curso de Pedagogia para atender as necessidades do município quanto à Educação Infantil. Da mesma forma, ainda existe necessidade de professores com formação para as disciplinas de Ensino Médio.

O NUFERN entende que as desigualdades ainda presentes com intensidade em nosso país também se expressa em desigualdade no acesso à educação. As distâncias e a qualidade do ensino são duas dimensões que pedem a atenção, a presença e engajamento contínuo dos poderes públicos. Diz o documento:

A valorização da escola do magistério e o investimento na formação docente são fatores fundamentais e urgentes para a melhoria do sistema educacional brasileiro. A escola tem que ser um espaço, em que, efetivamente, os alunos construam conhecimentos, habilidades e atitudes condizentes com sua faixa etária e as exigências contemporâneas.

O Plano de Ações Articuladas são, de fato, uma instância de estratégias de ação que, certamente resultará em aspectos positivos, em avanços na vida do profissional em educação em suas diferentes dimensões: física, emocional, profissional, qualidade de vida.

A discussão em torno das políticas de formação docente no Brasil, para este artigo, voltada para a Política Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, instituída pelo Decreto de nº 6.755, de janeiro de 2009 começa a fazer parte do interesse de pesquisadores.

Ainda iniciando, por ser um programa novo, começa a fazer parte da pauta de interesse de pesquisadores em trabalhos de dissertação, como a de Jovino (2011), cujo mote é a relação entre trabalho, educação e a atual política de formação docente para a educação básica/Educação à Distância/EaD.

A preocupação de professores/bolsistas do referido Plano coloca-se em torno dos desafios enfrentados na prática a fim de que os professores/alunos obtenham a formação exigida pela Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional – LDBEN contribuindo para a qualidade da Educação Básica.

Através da Lei Nº 11.273 (Brasil, 2006), de 6 de fevereiro de 2006 fica autorizada a concessão de bolsas de estudos e de pesquisa a participantes de programas de formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

O SABOR DO (RE) ENCANTAMENTO NA SALA DE AULA DO PARFOR E A EXPERIÊNCIA DE SUAS CONTRADIÇÕES

A idéia da Educação em comunhão, educação mediatizada pelo mundo, o entendimento de que ao educar se é educado, de que o ato cognoscente do educador se faz na cognoscitividade dos educando, a compreensão do homem inconcluso, consciente de sua inconclusão e seu permanente movimento, nos inspira, sistematicamente, em nosso re-encantamento com a experiência do PARFOR/RN.

Paulo Freire (1996) é o grande mestre do fazer a partir dos fazeres e saberes dos homens e mulheres simples, do dia a dia. E nos inspira.

Esina Freire Paulo Freire ao pontificar que educar exige risco, o exercício da aceitação do novo e rejeição de qualquer forma de discriminação. Nos inspira aos caminhos da vida nas plurais dimensões onde se pode aprender e ensinar, a encontrar o outro, a nos colocarmos no lugar do outro. Nesse sentido, o PARFOR, professores e professoras, com suas histórias de vida, como territórios simbólicos, se abrem para explorarmos e descobrirmos maneiras e sentidos vários, procurar o indivíduo singular e plural, sua existência em meio às relações sociais.

As práticas educativas podem acontecer em territórios não só físicos, mas nos territórios das biografias dos indivíduos, nas marcas de suas histórias de vida, ao permitirmos que os indivíduos se façam autores em situações que lhe trazem traumas, em experiências excludentes, em situações de negação pelo outro, quando se associam para resistir, lutar e intervir. Alunos e professores tem múltiplos territórios de possibilidades de formação, tanto do ponto de vista das experiências na educação formal, quanto informal.

Ao primeiro encontro com os alunos/professores do PARFOR, para a professora pesquisadora, ministrante da disciplina Antropologia e Educação, com a turma do Curso de Pedagogia, quando começamos nossa apresentação, pedimos para cada um dizer de sua pertença, seu lugar de origem, sua raiz. Esse momento nos colocou diante de muitos alunos vindos do campo, dos sítios. Ressaltam sua identidade, seu cheiro do mato, seu aroma, seu ethos.

Por essa ótica lembramos do que ensina Alfred Kroeber (2003), como uma pista, quando assevera que o *ethos* é algo que age como o aroma que impregna a cultura como um todo. É a disposição, a forma, denota a aparência, o conteúdo da cultura, seus caminhos, seus costumes (KROEBER, 1963). Do mesmo modo defende Geertz (1978, p. 143) ser o *ethos* de um povo “o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético e sua disposição. É a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”.

Ensinar exige risco, diz o educador Paulo Freire. Risco de se jogar para o outro e não ter medo de se ver no outro. Risco de nos depararmos com nossos limites, nossos preconceitos, nossas impossibilidades, nosso não-fazer, nosso não-querer fazer, dizemos nós. Educação exige aceitação do novo. Aceitação, leitura, estudo, vivência das provocações do mundo contemporâneo, do discurso e prática da inclusão e do acesso e permanência, com qualidade.

Ao mesmo tempo, caminhar na esteira de um Programa exige riscos entre a Política Nacional de Formação de Professores do Ensino Básico e o convívio com seus limites expressos ao se colocar em prática as ações da referida política. Entre a possibilidade e a impossibilidade, entre o escrito e o praticado, entre um Programa instituído para a obtenção da formação exigida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a melhoria da qualidade da educação básica no país, entre os objetivos do Programa e a quebra de barreiras atitudinais, conceituais e procedimentais, entre o Programa e a acessibilidade ao mesmo.

As narrativas de experiência propostas para este trabalho são como uma mola para nossas vidas de professor e professora experenciadores de

programas sociais. Joga-nos para um mergulho sobre nossa formação e nossa prática, permitindo a partir, também, da vivência de suas contradições, o amadurecimento acadêmico, os questionamentos, a reconstrução.

Aprendizagem e ensino no PARFOR das cidades de Apodi e Mossoró, no Rio Grande do Norte através da escuta e do estranhamento, da postura interrogativa diante do diferente e da diferença é um dos imprescindíveis aspectos para a formação de um profissional da educação e estamos erguendo essa escuta, buscando a aproximação aos nossos narradores professores/alunos.

Consta da Resolução CD/FNDE Nº 13 de 20 de maio de 2010 (Brasil, 2010) a orientação aos participantes do PARFOR, coordenadores e professores, quanto à adequação de conteúdos, metodologias, materiais didáticos bem como a bibliografia utilizada. Participar de grupo de trabalho para o desenvolvimento de metodologias e material didático específicos, direcionados a professores da educação básica é uma condição para participação no PARFOR, bem como a condição de atuação em grupos de pesquisa e desenvolvimento de metodologias de ensino.

Foi assim que o processo de encontro com o outro se cercou de grande expectativa, pois seria a primeira vez que iríamos construir um trabalho com a primeira turma regular como professores do Ensino Superior com alunos da Plataforma Freire.

Um caminho longo precisava ser erguido, alternativas colocadas, apoio com capacitações, encontros, profissionais para acompanhamento na sala de aula dos conteúdos e atividades pedagógicas. Cada um, em momentos distintos, sabíamos da urgência das ações em sala de aula.

A professora pesquisadora, ministrante da disciplina Antropologia e Educação, acrescenta ter sido indispensável ter “procurado em outros espaços um acompanhamento, contato com alunos/professores do PARFOR em estados vizinhos para trocar experiências, buscar metodologias”.

Iniciou, como nos disse, estudando e refletindo sobre a estrutura do PARFOR, suas Resoluções, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), as orientações da Capes, as obrigações e deveres do

bolsista, sobretudo sabedora que essa necessidade está ligada aos primeiros momentos de vivência no programa³. A persistência da professora lhe trouxe a abertura desse espaço junto a outros professores de Pernambuco e da Bahia com quem inicia uma aproximação de troca de experiências e gerenciamento dos anseios.

Ao mesmo tempo na sala de aula na UERN trocava o que aprendia com professores de outras disciplinas a respeito das adaptações de programas e conteúdos para a realidade do PARFOR. Buscava superar seus limites, ao mesmo tempo, que procurava metodologias para atender com qualidade e busca de motivações aos alunos. Assim relembra:

É certo que não estamos deixando de observar uma série de outros elementos importantes e pertinentes, mas dizemos que participar do PARFOR é um processo, nesse processo temos que refletir sobre o que está bem mais próximo ao educador que é a sala de aula e as diferentes alternativas e possibilidades no que diz respeito à busca do encontro com os desafios.

Ficou acentuado em sua narrativa de experiência que presenciava, cotidianamente, as dificuldades o que pode ser explicado pelos longos anos afastados da possibilidade de acesso à universidade. O estigma, as marcas de anos fora dos estudos estão em seus olhares, em seus rostos perdidos, “espantados” com tantos conteúdos. Em nossa experiência, os alunos ainda lá no canto da sala buscando entender, ouvir por outros meios, sentindo-se culpados pelas barreiras de compreensão em busca de quem possa entender o nível de estudo em que se encontram. “Temos bem claro, a agonia dos alunos penetrando pelo mundo das teorias, mas insistem olhando dos lados, esperando pelo outro que possa ajudar pedindo “socorro” ao professor para repetir a explicação”, lembra a professora.

Muitos alunos/professores, na experiência do PARFOR, tem sua identidade no campo, nos saberes do campo, da produção direta e, dessa forma, vai se aproximando da biografia dos indivíduos, narradas oralmente, diz dos contextos com os quais se relacionam e experenciam sua produção social, econômica, política, ideológica, em fim, os lugares e tempos da ação coletiva dos atores, a *pedagogia da terra* (GADOTTI, 2000).

Encontra, nessa trajetória das descobertas, uma metodologia que a aproxime dos alunos, para sentir a si e ao outro ao se preocupar com a aproximação e a escuta, via alunos, de seus “gritos”. Saberes da experiência, construídas historicamente e no convívio direto, anos de vivência em sala de aula, como professoras. Estamos, sim, diante de professores e professoras com muitos anos do pedagógico. Em meio à escuta de suas trajetórias à caminho do PARFOR, pensa em uma metodologia, a saber, da história oral da biografia. Nas biografias narradas aparecem os pais, os familiares, os amigos, as associações, os preconceitos, as marcas, as dificuldades.

Montino (2008, p. 113) sugere serem os lugares da biografia “aqueles como uma fonte que indagam o cotidiano, a vida privada, o envolvimento subjetivo das classes subalternas”. Então a escrita de si e a narrativa de si estão espalhados na memória de cada sujeito.

Cauvier (2008) por seu turno aponta a importância de buscarmos a formação dos alunos centrada em suas necessidades e na compreensão do ser humano. Com a narrativa de sua autobiografia, diz o autor, é possível um balanço da vida, compreender a si mesmo, os outros e o meio. Além disso, permite uma reflexão pessoal e coletiva instigados por relatos de momentos da vida tanto pessoal quanto acadêmica.

Tem consciência, diz a professora/pesquisadora, terem, as teorias, supremacia no espaço da sala de aula e que é preciso um diálogo entre a teoria e a prática das alunas/professoras do PARFOR.

Reconhece, indo à procura de possibilidades, ser preciso nessa trajetória profissional com alunos do PARFOR, exercitar outros lugares, outras situações escolares, outros instrumentos de sala de aula. Pensa, assim, nas metodologias, nossos diários de classe, em nossos cadernos de anotações e registros cotidianos. Nestes, deixam as marcas do dia a dia, das emoções, dos desafios, de nossas falhas, de nossos limites, nossa memória. Mas, por outro lado, deixam também um documento interessante de reflexão e “refação de nossa prática”, assevera a professora.

Foi o caminho tomado por nós professor ministrantes das disciplinas. Buscamos na aproximação, na escuta junto aos alunos, elementos para uma autocrítica de nossa prática. O que as situações

de sala de aula vão oferecendo de pistas? Que percurso poderemos retomar, linha a linha, escrito a escrito, emoção a emoção, palavra a palavra? Que outros caminhos podem indicar esse instrumento fantástico de aprendizagem nos processos de formação?

Dizemos ser importante, na experiência deste trabalho, o percebido sobre como pensam e agem professores e alunos, em sala de aula frente a uma sala heterogênea. Sim, pois no PARFOR temos alunos/professores em situação de deficiência física, auditiva, motora. Interrogamos a formação e a atuação de professores frente à inclusão de alunos com necessidades especiais. Que crenças levamos para a sala de aula, que conceitos, que visão de mundo, que paradigmas educacionais, que tendências pedagógicas?

A conclusão do pensamento dos professores pesquisadores do PARFOR é fundamental. O que concluem sobre o processo experienciado em sala de aula a partir dos desafios de hoje? Como pensam e agem diante da presença de um aluno que não pode ouvir nada? Com baixa visão, com baixa audição, dificuldade de concentração? Vislumbra-se que as ações pedagógicas, em sala de aula, pedem por um olhar afetivo, deseja a dimensão do sensível, querer a prática da superação de nossas barreiras atitudinais, requerem procedimentos coletivos, ações em conjunto e diálogo nos termos de Freire (1996) ao advogar que:

Embora diferentes entre si, quem forma, informa e re-forma ao formar e quem é formado transforma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p.23).

Praticar a experiência do PARFOR implicou em mexer com nossas lentes, refletir sobre nossa cultura historicamente excludente. Da mesma forma, instigou e continuará instigando olhar para as possibilidades, cotidianamente, com essas lentes, penetrar na cultura de aluno de sítios, de comunidades, distante. Como pensam, como escrevem, o que sentem. Ladrilhar e praticar o PARFOR e, no caso deste trabalho, aponta para a dimensão do conhecimento

de si e do outro, cabe repisar. Impõe uma busca constante, atenciosa e cuidadosa, sobre as necessidades do outro. Solicita sensibilidade profissional quanto rever práticas, rever um viver em sociedade, pensar em um trabalho de participação coletiva.

O professor/pesquisador, ministrante da disciplina Psicologia da Educação, por seu turno, afirma que a modalidade de estudo de forma presencial da Plataforma Freire leva para o cenário da universidade novos alunos, características e atitudes diferenciadas dos alunos que regularmente ingressam na universidade. As aulas acontecem em finais de semana, pois os mesmos obrigatoriamente têm que estar em regime de docência, para serem habilitados a participarem da seleção.

São pessoas que exercem o magistério em áreas inespecíficas ou que cursaram o magistério (Ensino Médio) e lecionam há muito tempo. No contato com estes professores/alunos, percebemos uma alegria, um estado de espírito motivador, como também o desafio de, com filhos criados, muitos anos de magistério, hoje estarem freqüentando uma universidade.

A perspectiva de uma inclusão social onde, seus sonhos, seus desejos, suas expectativas, que quase viram morrer, hoje encontram em verdadeiro estado de ebulição, como um aluno dizia “minha mente está fervendo, pois são tantos conhecimentos novos, tantas teorias, tantas formas novas de fazer o que eu já fazia, que me deixa alegre, e feliz com este novo momento.”

São tantos os depoimentos, as histórias de vida, as trajetórias percorridas que nos alerta para o compromisso em trabalhar com estas pessoas, como professores, para não frustrarmos seus sonhos, seus desejos, suas expectativas e estarmos ao lado deles, com eles construindo esta nova realidade pedagógica e vivencial.

Foram anos de luta, de espera, de acreditar/desacreditar na possibilidade de ingressar no ensino superior. São homens e mulheres que enfrentam desafios geográficos, familiares, econômicos, psicológicos para estarem presentes às aulas, participando de cada etapa da construção do conhecimento. São pessoas que trazem um conhecimento construído no dia a dia de cada um e no contato com os alunos, com familiares e pessoas de suas

localidades. São pessoas que trazem um desejo muito forte de aprender, de superar suas dificuldades, limitações teóricas e se apropriar desse novo conhecimento para, logo em seguida, associá-los as suas práticas.

O que dizer desse aluno que precisa deixar sua casa logo cedo, passar o dia fora e retornar para casa com um conjunto de leituras na “mente”, um conjunto de tarefas para realizar e suas atividades domésticas e profissionais? São situações novas em que as fragilidades devem ser superadas a cada encontro. É um desafio que já foi marcado com o sinal de vencido e que o novo encontro se vislumbra como algo que por si só já é superável.

Na nossa experiência no PAFOR no Curso de Educação Física, diz o professor de Psicologia da Educação, tivemos uma desistência de 10 alunos, uma matrícula inicial de 32 alunos. Certamente estes não conseguiram internalizar o desafio como algo positivo, algo superável e que estes alunos irão reforçar às estatísticas dos desistentes, pois conforme dados do MEC, 35% dos alunos que iniciam um curso superior não conseguem concluí-lo, tanto nas instituições públicas como privadas.

Este é hoje, um dos grandes desafios para os docentes formadores: ajudar estes discentes encorajando-os, estimulando-os a seguirem no curso que escolheram ou refletindo com eles a possibilidade de ingressarem num curso que haja identificação entre suas habilidades, aptidões e interesses. Só assim, poderemos ter uma expansão do ensino superior com qualidade e com oportunidades para aqueles que o busca.

Apontamos esses desafios, considerando as contradições pela frente vivenciadas como salas quentes e insalubres, alunas vindas de sítios 20, 30, 40 quilômetros de distância, à noite e retorno em condições de perigo, falta de acesso e domínio das novas tecnologias, necessidade da ajuda na organização e compreensão dos trabalhos escritos, dificuldade de acesso às bibliotecas à literatura para as pesquisas, falta de vivência de uma vida acadêmica plena com participação em monitoria, eventos científicos, iniciação científica, atividades reduzidas à sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de professores/pesquisadores do PARFOR na vivência com professores/alunos, narradores neste artigo, sinaliza, na prática, a importância do encontro com sujeitos através do exercício da escuta. Os conteúdos de Antropologia e Educação e de Psicologia da Educação, ministrados em sala de aula da universidade e reduzida a esse espaço, não permitem uma compreensão mais significativa do que é o mundo diversificado e multicultural. O PARFOR permitiu essa via de ensino e de aprendizagem, pé na estrada, compartilhando uma escuta, buscando nossos outros, sua vida cotidiana, e as narrativas de trajetórias do cotidiano de sujeitos professores/alunos com sujeitos professores/pesquisadores.

Ressaltou a importância da realidade vivenciada com ancoragem da pertença. Pertencer ao PARFOR, pertencer aos seus lugares de experiência, pertencer ao lugar exercício do ensino, compartilhando as orientações do programa com os saberes de longos anos de vivência em sala de aula, realidade dos professores/alunos.

Além disso, poder refletir que o mundo dos plurais sujeitos devem ser entendidos como indivíduos com aspirações, desejos, sonhos, que “agarram” as oportunidades.

Essa visão precisa ser reforçada e praticada para além das técnicas, da funcionalidade, da instrumentalidade colocada em nossas mãos, respeitando, certamente, as orientações institucionais. O sentimento de pertencimento ao lugar professores e professoras, a honra, o orgulho, o amor às origens não significa acomodação, bem ao contrário, buscar a vida de dentro dos programas e projetos pedagógicos, das metodologias e dos conteúdos significa a necessidade de uma síntese entre os saberes da academia com os saberes da experiência de cada um, cabe lembrar, são inacabadas.

Não se trata de dialogar de costas, mas diálogo que respeite os conhecimentos de homem e mulheres de “carne e ossos” como um sujeito, que produz a partir do envolvimento com o cotidiano, criando, vivendo, amando, odiando.

Foi possível, por fim, como professores do Ensino Superior, perceber a educação como um campo de investigação que instiga o diálogo na região de fronteira entre as diversas ciências, os diversos sujeitos, as diversas culturas.

Foi possível uma aproximação, com outros olhares, para uma prática educativa redimensionando saberes e fazeres em formação. Acresce a semente cultivada, nesses professores/alunos que mais tarde estarão exercitando a academia, na luta pela construção do sujeito cidadão em processo permanente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Resolução CD/FNDE Nº 13, de 20 de maio de 2010**. Disponível em <[HTTP://portal.mec.gov/parfor](http://portal.mec.gov/parfor). Acesso em 11 de outubro de 2012.

BRASIL. Portal Educação, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Professores da Educação Básica/-PARFOR**. <[HTTP://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor](http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor). Acessado em 11 de outubro de 2012.

BRASIL. Decreto Nº 6.755 de 29 de janeiro de 2009. Portal Educação, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Professores da Educação Básica/PARFOR**. <[HTTP://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor](http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor). Acessado em 03 de novembro de 2012.

BRASIL. Portaria Nº 9, de 30 de junho de 2009a. Portal Educação, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Professores da Educação Básica/PARFOR**. <[HTTP://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor](http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor). Acessado em 03 de novembro de 2012.

BRASIL. Lei Nº 11.273, de 6 de fevereiro de 2006. Portal Educação, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Professores da Educação Básica/PARFOR**. <[HTTP://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor](http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor). Acessado em 05 de novembro de 2012.

CAUVIER, Johanne. A perspectiva autobiográfica: uma ferramenta de acompanhamento da construção identitária de adolescentes. In: Passegi, Maria da Conceição, (Org.) **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**/ Moacir Gadotti. – São Paulo; Peirópolis, 2000.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JOVINO, Wildiana Katia Monteiro. **Trabalho, Educação e a Atual Política de Formação Docente no Brasil: uma análise à luz da crítica marxista**. 01/01/2011. 175 f. Dissertação. Universidade Estadual do Ceará. UEC/Faculdade de Educação, Ceará, 2011.

KROEBER, A. L. **Anthropology: cultures, patterns and processes**. New York, Harcourt, Brace & World, 1963.

MONTINO, Davide. As crianças e a escrita de si. Ocasões, limites e ambiguidades da autobiografia infantil na contemporaneidade. In: Passegi, Maria da Conceição, (Org.) **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**, Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008

¹ Doutora em Sociologia. Docente da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN, Curso de Pedagogia. Docente permanente e vice-coordenadora do programa de Pós-Graduação/Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/POSEDUC. Membro do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão/UERN. E-mail: oliveiraaguiairetro@gmail.com

² Pedagogo, Bacharel e Licenciado em Psicologia. Docente da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Curso de Pedagogia. Membro do Conselho Estadual de Promoção das Paz nas Escolas, gerente da Unidade Integrada de Saúde Mental de Mossoró/RN Coordenador Pedagógico do Curso de Pedagogia do Núcleo Avançado de Educação Superior de Caraúbas/RN.

³ Os professores bolsistas do PARFOR estão assim denominados: professor pesquisador bolsista coordenador geral; professor pesquisador bolsista coordenador adjunto; professor pesquisador bolsista coordenador de curso; professor pesquisador bolsista

RECEBIDO EM: junho/2013

APROVADO EM: julho/2013